



SÍFILIS: PREVALÊNCIA E FATORES DE RISCO EM ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE

Léia Cardoso, Ana Paula Ferreira Holzmann, Paul Holzmann Neto, Daniella Fagundes Souto, Bruna Menezes Aguiar, Luana Gabriele Souza Alves

Introdução

Apesar dos desenfreados avanços proporcionados pelo aprimoramento do conhecimento científico na área da saúde no século atual, em que novas descobertas são de ocorrência rotineira, ainda nos mostramos impotentes no que concerne ao controle das doenças sexualmente transmissíveis (DST), que continuam a se disseminar persistentemente na população, evidenciando um sério problema de saúde pública [1].

Diante de tal quadro, a sífilis, conhecida há mais de 500 anos, é uma doença de transmissão predominantemente sexual que tem grande relevância epidemiológica. Embora atualmente possua terapêutica estabelecida, de baixo custo e complexidade tecnológica, a doença apresenta alta morbidade na população mundial e ocasiona uma série de complicações, podendo evoluir para a cronicidade, além de facilitar a contaminação pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) [2].

Dentre as parcelas da população consideradas de maior vulnerabilidade às DST como a sífilis, os adolescentes têm sido apontados como um grupo de maior incidência de casos. Aproximadamente 25% de todas as DST são diagnosticados em jovens com menos de 25 anos [3]. São vários os fatores determinantes dessa condição, destacando-se a irregularidade do uso de preservativo, troca frequente de parcerias sexuais e escolaridade deficiente, além de questões vinculadas à mentalidade e aos sentimentos próprios da idade, que conferem ao jovem a ideia de onipotência e os privam da capacidade de prever a consequência de seus atos [4].

Segundo estudos, tais fatores de vulnerabilidade encontram-se mais concentrados entre adolescentes com menos escolaridade, que consomem bebidas alcoólicas e/ou outras drogas, assim como entre os que têm famílias desestruturadas, nas quais não há diálogo sobre o assunto [5]. Nesse cenário, destacam-se os adolescentes em situação de conflito com a lei e privados de liberdade, que além de tudo isso, ainda compõem um grupo de difícil acesso aos serviços de saúde [6].

Diante disso, o presente estudo objetivou estimar a prevalência da sífilis entre adolescentes privados de liberdade, além de investigar os principais fatores de vulnerabilidade dessa população.

Material e métodos

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa e análise documental. A coleta dos dados foi realizada no Centro de Testagem e Aconselhamento em DST/Aids (CTA) de Montes Claros, com dados secundários relativos às atividades itinerantes de aconselhamento e testagem que foram ofertadas pela equipe do CTA aos internos do Centro Socioeducativo, situado no mesmo município, no ano de 2014.

A população de estudo foi composta pelos adolescentes em situação de privação de liberdade por medida socioeducativa, institucionalizados no referido Centro Socioeducativo que, na ocasião, aceitaram participar das atividades promovidas pelo CTA (aconselhamento em DST/HIV/Aids e testagem rápida), no período delimitado para o estudo. Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2015, a partir do formulário do SI-CTA (Sistema de Informação dos Centros de Testagem e Aconselhamento), preenchido pelos aconselhadores durante o aconselhamento individual e arquivados no serviço (CTA). Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel que posteriormente foram transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.



Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicos dos cursos de enfermagem e medicina da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes.

Resultados

A amostra do estudo foi composta por 181 adolescentes, sendo todos do sexo masculino (100%). A idade variou de 12 a 21 anos, com média de 16,8 anos de idade. A maioria dos adolescentes é solteira (96,1%), de cor/raça parda (79 %) e possui de 4 a 7 anos de estudos concluídos (80,1%). Quanto ao uso de drogas, 70,2% fizeram uso de algum tipo no último ano, sendo a maconha a substância mais utilizada (63,8%), seguida pelo álcool (58,8%), cocaína aspirada (31,1%), crack (4,4%) e, por último, cocaína injetável (0,5%). Em relação ao comportamento sexual no último ano, apresentado na tabela 1, 107 adolescentes (59,1%) referiram prática sexual no período. O número de parcerias sexuais variou de uma a 100, com média de seis (DP=12), sendo que somente um adolescente afirmou ter tido relações homossexuais. Dentre aqueles que referiram parceria fixa, 32,3% usaram a camisinha em todas as relações sexuais. Já entre os adolescentes que informaram ocorrência de relações eventuais, o uso regular do insumo foi de 39,2%. História anterior de DST foi relatada por seis adolescentes (3,3%). Quanto aos exames de sífilis realizados (teste rápido), 10 adolescentes (5,5%) apresentaram resultados reagentes (Gráfico 1).

Discussão

As DST, quando não diagnosticadas e tratadas adequadamente, podem representar um sério problema para a saúde dos adolescentes. No caso da sífilis, as consequências envolvem distúrbios neurológicos, cardiovasculares, além de sequelas importantes para a gestação, como abortamento, parto prematuro e nascimento de bebês com sífilis congênita [4]. Um dos principais fatores que dificultam o diagnóstico precoce da sífilis, assim como de outras DST, é o longo período de latência da infecção. Como nesta fase as pessoas apresentam-se assintomáticas, geralmente não há motivação para realização do exame [2,4]. Daí a importância de campanhas de prevenção, principalmente direcionadas a grupos considerados mais vulneráveis e de difícil acesso, como é o caso dos adolescentes privados de liberdade [6].

Pesquisas que investiguem a prevalência de sífilis adquirida em adolescentes são escassas no país, principalmente em população confinada. Em estudo multicêntrico realizado em seis capitais brasileiras, entre 2004 e 2005, a prevalência encontrada da doença, para a população geral, foi de 3,3% [7]. Já o estudo nacional, de coorte de base hospitalar, realizado em 2011/2012, estimou prevalência de sífilis em gestantes de 1,02% [8]. Neste estudo, a prevalência encontrada entre os adolescentes foi de 5,5%, maior do que a estimada pelos estudos supracitados, porém menor que a taxa de 7,7%, encontrada em estudo semelhante, realizado com menores de um sistema correcional da Grande Vitória, em 1999 [6].

Alguns fatores, citados pela literatura [4,5,6] e também confirmados por este estudo, podem ser apontados como possíveis responsáveis pelo índice de infecção descrito, entre eles, o uso inconsistente do preservativo, a troca frequente de parceiros(as) e o uso de drogas lícitas e ilícitas. Estudos demonstram que, em geral, os adolescentes sabem que o preservativo evita DST e gravidez, mas mesmo assim, nem sempre fazem uso do insumo como forma de proteção [9]. Segundo dados do Ministério da Saúde, no Brasil, os mais baixos índices de uso se encontram na faixa etária de 15 a 19 anos e são vários os motivos apontados pelos jovens como justificativa para essa conduta, como esquecimento, custos e redução do prazer na relação sexual [3,4,5,9]. A utilização de álcool e outras drogas antes das relações sexuais, ação comum entre os adolescentes, também contribui para a não adesão ao preservativo e consequente aumento da vulnerabilidade do grupo às DST, principalmente em função do êxtase, da redução do raciocínio e do sentimento de invulnerabilidade, proporcionados pela ingestão dessas substâncias [5].

Além do sexo sem proteção e do uso de drogas, outros fatores, não abordados neste estudo, porém investigados por vários outros, como a desinformação sobre o assunto e o despreparo familiar para orientar seus jovens sobre sexualidade, também contribuem para para essa realidade [3,5,9].

Conclusão

Os resultados do estudo permitiram constatar que o sexo desprotegido e o uso de drogas representam fatores importantes de vulnerabilidade às DST na população estudada. A prevalência estimada para a sífilis neste grupo também foi considerável e merecedora de maior atenção pelos gestores da saúde. Apesar da visível vulnerabilidade descrita, a



adolescência constitui uma fase de grandes potencialidades, que tornam os jovens sensíveis a ações positivas de saúde, desde que abordados adequadamente. Os adolescentes não têm ainda uma identidade cristalizada, sendo, portanto, passíveis de mudança de comportamento. Assim, investimentos estruturais em nossa sociedade, principalmente no que diz respeito ao acesso universal à educação e saúde, são necessários para que os adolescentes e jovens do Brasil possam ter perspectivas de um futuro mais saudável e com menos riscos.

REFERÊNCIAS

- [1] GANESAN, A. *et al.* Results of a 25-year longitudinal analysis of the serologic incidence of syphilis in a cohort of HIV-infected patients with unrestricted access to care. *Sex Transm Dis*, v. 39, n. 6, p. 440-8, Jun. 2012. JEOLAS, L. S.; KORDES, Hagen. Percursos acelerados de jovens condutores ilegais: o risco entre vida e morte, entre jogo e rito. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, dez. 2010.
- [2] SANTOS, V. C., ANJOS, K. F. Sífilis: uma realidade prevenível. Sua erradicação, um desafio atual. *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 2, n. 2, p. 257-63, mai./ago. 2009.
- [3] BRAVERMAN, P.K. Sexually transmitted diseases in adolescents. *Med. Clin. North Am.*, v.84, p.869-89, 2000.
- [4] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **HIV/Aids, hepatites e outras DST**. Brasília, 2006.
- [5] TAPERT, F. *et al.* Adolescent substance use and sexual risk-taking behavior. *J Adolesc Health.*, v. 28, p. 181-9, 2001.
- [6] MIRANDA, A.E.; ZAGO, A. M. Prevalência de infecção pelo HIV e sífilis em sistema correccional para adolescentes. *J bras Doenças Sex Transm*, v.13, n.4, p.35-39, 2001.
- [7] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico- Hepatites Virais**. Brasília, 2012.
- [8] DOMINGUES, R.M.S. *et al.* Prevalência de sífilis na gestação e testagem pré-natal: Estudo Nascer no Brasil. *Rev Saúde Pública*, v. 48, n.5, p.766-74, 2014. Disponível em : <://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n5/pt_0034-8910-rsp-48-5-0766.pdf. > Acesso em: 29/07/15.
- [9] MALTA, D. C. *et al.* Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 14, n. 1, set. 2011. Disponível em: <://www.scielo.br/scielo >. Acesso em: 15 jul. 2015.

Tabela 1- Uso de preservativo entre os adolescentes sexualmente ativos, no último ano.

Uso do preservativo	Parceiro(a) fixo(a) n=68		Parceiro(a) eventual n=97	
	n	%	n	%
Não usa	27	39,7	13	13,4
Usa sempre	22	32,3	38	39,2
Usa na minoria das vezes	14	20,6	21	21,6
Usa na maioria das vezes	5	7,3	25	25,8
Total	68	100	97	100

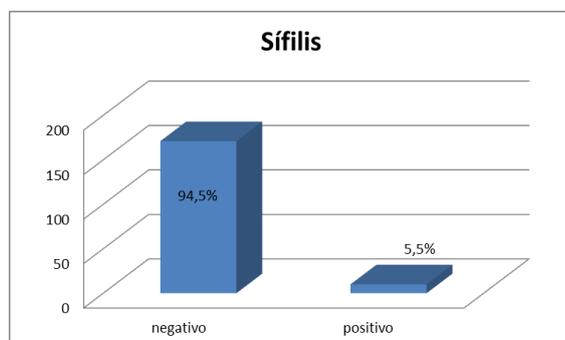


Gráfico 1- Prevalência de sífilis entre os adolescentes institucionalizados no Centro Socioeducativo de Montes Claros –MG no ano de 2014, detectados pelo teste rápido.